

## De jovem migrante a investigadora: percursos que se imbricam em jeito autobiográfico

From young migrant to researcher: imbricated routes in an autobiographical way

Maria Carolina Pinto<sup>1</sup>, José da Silva Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto que se segue conta a minha história a partir da dupla condição de migrante na Suíça e enquanto mestranda em relações interculturais. A narrativa em primeira pessoa dá a conhecer o meu percurso migratório que imbrica no percurso da pesquisa desenvolvida na minha dissertação de mestrado, *Identidade cultural na (e em) rede: as redes sociais digitais (Facebook) como espaço de revivificação e afirmação da identidade cultural dos jovens migrantes portugueses na Suíça*. Este texto propõe o exercício de autorreflexão, que subentende um olhar sobre a investigadora no processo da investigação, desvelando a dimensão oculta da investigação científica, na qual o olhar ético, crítico e científico se sobrepõe às reflexões, à inquietação pessoal e emocional. No fundo, pretende-se mostrar os bastidores da narrativa empírica. Esta autorreflexão em jeito (auto)biográfico tem, igualmente, como propósito (re)produzir significados e contribuir para uma melhor compreensão do jovem migrante à luz da tríade teórica: migração, redes sociais e identidade cultural.

**Palavras-chave:** migração; redes sociais tecnológicas; identidade cultural, autobiografia, Europa

**Abstract:** The following text is based on my own life-story from two perspectives, both as a migrant woman in Switzerland and a postgraduate student in a Master's programme on Intercultural Relations. The essay, written in the first person, summarizes the course of my migration experience which flows through the research for my Master dissertation – *Cultural Identity in networking: digital social networks (the Facebook) as a revivification and affirmation space of cultural identity for the Portuguese young migrants in Switzerland*. This article proposes a self-reflection exercise which implies an overall view of the researcher during her fieldwork, unveiling the hidden dimension of the scientific research where her ethical, critical and scientific view stands out from her own reflections, worries and emotions. Basically, my intention is to reveal the background of the empiric narrative. This self-reflection in a (auto)biographic way is aimed at (re)producing meanings and contributing to a better understanding of the young migrant in the light of the theoretical triad: migration, social networks and cultural identity.

**Keywords:** migration; social network; cultural identity; autobiography; Europe

<sup>1</sup> Colabora com o Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais – Grupo de Investigação Media e Mediações Culturais. *E-mail:* mcarolina-p@hotmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federais de Goiás – Programas de pós-graduação em Arte e Cultura Visual e em Antropologia Social. *E-mail:* jsribeiro.49@gmail.com.

## Introdução

Por decisão própria ou por força das circunstâncias, individualmente ou em família, em grupos ou até mesmo em grandes êxodos, as migrações têm contribuído, ao longo da história da humanidade para a disseminação de raças, etnias, culturas, línguas e religiões pelo mundo inteiro<sup>3</sup>. Falar de migrações é, por isso, falar de deslocação espacial, deixar o país de origem em detrimento de uma nova geografia de destino, à procura de novos desafios, novas oportunidades, mas sobretudo, de melhores condições de vida.

No que respeita aos jovens, a maioria não migra de forma espontânea, pelo contrário, a migração avistasse-lhes como sendo a derradeira opção. Porém, o retrato mais comum é o das crianças, desde tenra infância, serem arrastadas para a dinâmica das migrações pelos seus pais ou familiares num projeto migratório “familiar”. Fruto desse projeto migratório, os jovens passam então a integrar um novo espaço territorial, político, social e cultural distinto da sua origem no qual vão sendo implicados, solicitados e progressivamente integrados no país de acolhimento. Neste contexto, os jovens irão viver num dualismo linguístico e cultural, mas também numa “dupla condição social: ser jovem e concomitantemente, migrante”<sup>4</sup>.

Ser migrante remete-nos para uma condição social complexa e sinónimo de profundas mudanças sociais, culturais, políticas e económicas. Assim, em situação de emigração ou em contexto migratório, é na dimensão cultural que a identidade do jovem se põe com mais acuidade, uma vez que os jovens migrantes se encontram descentrados do seu espaço e da sua cultura de origem. Face a isso, a identidade cultural é a identidade que emerge e serve de “autorreferência e identificação” ao jovem migrante face ao contacto com a nova cultura, nova sociedade, novo país. Ela surge não só como uma fonte de “significado”<sup>5</sup>, mas, também, de necessidade “de raízes e de identidade”<sup>6</sup> e de um sentido ou sentimento de pertença.

A identidade cultural dos jovens migrantes é dinâmica, reflexiva e em constante processo de negociação e reconstrução – uma identidade cultural híbrida<sup>7</sup>. Todavia, a experiência e a vivência da emigração dos jovens migrantes de hoje é bem distinta dos jovens migrantes de há uma vintena de anos atrás. No passado, migrar era sinónimo de uma “experiência radical e frequentemente traumática para os migrantes em que se dá a rotura com os familiares e com o país de origem”<sup>8</sup>. A circulação da informação era de baixa intensidade e desfasada no tempo. No presente, a Internet e as Redes Sociais [nela e dela emergentes] proporcionam aos jovens, dotados tecnologicamente, a aproximação e a ligação ao ciberespaço do país de origem. Por sua vez, as redes sociais digitais favorecem o aparecimento de redes pessoais e redes coletivas ou até mesmo de comunidades diaspóricas virtuais – espaços intermediários, imaginados e simbólicos nos quais os jovens têm a oportunidade de construir a sua identidade cultural, estar em estreito contacto com a sua cultura de origem, comunicar na sua língua e revivificar as suas raízes. As redes sociais digitais parecem, pois, assumir um papel relevante na relação dos jovens migrantes com a sua cultura e identidade de origem.

3 ROCHA-TRINDEADE et al., 1995: 139.

4 PADILLA; ORTIZ, 2014: 134.

5 CASTELLS, 2007: 3.

6 FROMM, 1974 cit. por DE LA TORRE, 2001.

7 GARCIA CANCLINI, 1995; GARCIA CANCLINI; CRUCES; CASTRO POZO, 2012; HALL, 2003, 2005.

8 ROCHA-TRINDEADE, 1995: 40.

## O meu percurso migratório: de Lisboa para Zurique

Corre o ano de 2002. Com 23 anos, frequento o 3º ano da licenciatura de Arquitetura, em Lisboa. Pertencço a uma família de classe média e sou a filha mais velha de uma professora e de um engenheiro. Tenho um irmão em vias de concluir o ensino secundário e ingressar no ensino superior. É no âmbito de uma cadeira da licenciatura, numa ida ao aeroporto de Lisboa, que conheço aquele que viria a ser o meu futuro esposo. Com o namorado a residir há quase duas décadas em Zurique, deparo-me com um dilema: concluir a licenciatura, à época de cinco anos mais estágio, ou ceder aos sentimentos e voar rumo aos Alpes. Entre idas e vindas, em 2004 decidi partir, adquirindo a autorização de residência permanente, tipo B<sup>9</sup>, por motivo de reunificação familiar.

Na decisão de partir, além dos fatores de índole emocional e sentimental, pesam outros fatores repulsivos-atrativos (*push-pull*), designadamente, o estado débil da economia portuguesa. As projeções disponíveis para o País eram, à época, pessimistas, apesar do clima aparentemente favorável em que se vivia. Contudo havia já indicadores que mais não eram do que a sombra do futuro. Assistia-se ao aumento da dívida pública<sup>10</sup> e do desemprego quer geral quer o dos jovens<sup>11</sup> bem como à diminuição do investimento<sup>12</sup>. As previsões concretizaram-se e até se agravaram posteriormente, devido a conjunturas internacionais desfavoráveis.

No ambiente académico começava a fermentar algum ceticismo senão mesmo desânimo. Os estudantes tomavam consciência da crescente dificuldade que iriam enfrentar para entrarem no mercado de trabalho, mesmo que precário<sup>13</sup>. Sente-se a dificuldade em conseguir um estágio ou um emprego, dada a saturação do mercado de trabalho na área de arquitetura, visível nos colegas que concluíam a licenciatura. Germinava a ideia da emigração como último recurso para o desenvolvimento da via académica e profissional. Agitavam-se exemplos de sucesso. Do círculo de amigos, alguns aventuraram-se no estrangeiro, na persecução dos seus sonhos e com esperança de um futuro melhor. Assim, três amigas voam rumo ao Luxemburgo, Espanha e Angola. Outras e outros, quantos se vão seguindo, privilegiando a Europa como geografia de destino. Por um lado, devido à proximidade e, por outro, gozando do estatuto de cidadão de um estado-membro, o que facilita a sua mobilidade no espaço europeu.

A Suíça, no centro da Europa, país estável política e economicamente, com taxas de desemprego baixas e uma sociedade multicultural, pareceu-me a médio-longo prazo, o país ideal para se viver, proporcionar uma boa educação aos filhos e talvez para a conclusão do meu percurso académico. A minha partida apanhou familiares e amigos de surpresa.

Em 2004, o número de entradas de portugueses registadas na Suíça, ronda as 13 539, cerca de 13, 4% do número total das entradas de estrangeiros no país<sup>14</sup>.

Nos primeiros meses, já em situação de migração, a sensação prevalecente foi a de novidade. Muita informação a absorver, muito por explorar e conquistar, muito ar fresco, muita natureza, uma cultura muito distinta da minha de

9 A autorização de residência tipo B EU/EFTA, concede a residência até um período máximo de cinco anos ao seu titular, podendo ser renovável. A autorização é individual, contudo existe a possibilidade de reagrupamento familiar, extensivo ao cônjuge e filhos com idade inferior a 18 anos. O reagrupamento familiar só é possível mediante certas condições, tais como, estabilidade de emprego, habitação condigna e recursos suficientes para cobrir as necessidades da família.

10 PORDATA Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Portugal/Administra%C3%A7%C3%B5es+P%C3%BAblicas+d%C3%ADvida+bruta+em+percentagem+do+PIB-2786>> [consult. em 4 de fev. 2017].

11 SÁ, 2014.

12 ROCHA-TRINDAD

13 PORDATA. Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Portugal/Administra%C3%A7%C3%B5es+P%C3%BAblicas+d%C3%ADvida+bruta+em+percentagem+do+PIB-2786>> [consult. em 4 de fev. 2017].

14 Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2015: 260. Disponível em: <[http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/0Em\\_EmigracaoPortuguesa\\_RelatorioEstatis.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/0Em_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatis.pdf)>.

origem. Enfim, muita energia positiva e o coração aberto para receber e ser recebida. Contudo, com o passar do tempo a sensação de novidade encarada a partir de uma perspectiva de turista esvaneceu-se. Entrei numa nova fase: a tomada de consciência da minha condição de migrante. Ser migrante não é uma “condição” fácil; ela vai-se revelando complexa, multifacetada e de conotação (ainda) depreciativa. Ser migrante é, acima de tudo, sinónimo de estar preparado para enfrentar e superar desafios, ser resiliente, saber viver e conviver, num dualismo constante, com o biculturalismo (e por vezes, multiculturalismo), com o bilinguismo, sempre num “*in between*” cultural<sup>15</sup> entre a cultura origem e a cultura dominante. Enquanto migrante, é imperativo conhecer não só os meus direitos como também os meus deveres e obrigações cívicas. É meu dever “retribuir” à autorização de residência que me foi concedida, dando os primeiros passos, mostrando vontade em integrar-me na comunidade e sociedade suíças, aprendendo o idioma local, conhecendo os hábitos e os costumes suíços e informando-me sobre outros domínios de interesse, nomeadamente, o jurídico.

Apesar de dominar a língua inglesa e ter bons conhecimentos da língua francesa, a primeira barreira sentida foi a linguística. No Cantão de Zurique, a língua oficial é o alemão. Neste sentido, o meu primeiro passo foi a aprendizagem da língua alemã, também ela com poucas “afinidades” com a língua portuguesa. Refiro-me às dissemelhanças existentes entre uma língua germânica e uma língua românica. A aquisição da língua é, sem dúvida, o ponto de partida e condição necessária para se compreender e ser-se compreendido. Assim sendo, e plenamente consciente de que a língua é um dos principais vetores de integração, procurei na internet cursos de iniciação à língua alemã para migrantes. Encontrei dezenas, mas acabei por dar primazia ao curso de integração para mulheres estrangeiras, promovido pelo Cantão de Zurique. Na dupla vertente aprendizagem do idioma e integração, a língua é enquadrada no contexto sociocultural e educativo da Suíça, o que me proporcionou um melhor conhecimento sobre o país de acolhimento. A frequência deste curso “acelerou” não só meu processo de integração, como também me possibilitou travar inúmeros conhecimentos com mulheres migrantes oriundas dos mais diversos cantos do mundo (Teerão, Equador, Brasil, Eritreia, Bulgária, Albânia, Perú, Turquia, Egipto, e outros) com as quais partilhei histórias de vida. Foi uma experiência muito inspiradora e guardo comigo a memória dos momentos vividos.

Ainda no âmbito da integração, por meio de uma amiga brasileira, participei na *femmesTische*, um projeto em parceria com a *Schweizerisches Rotes Kreuz Kanton Zürich*<sup>16</sup> (Cruz Vermelha Suíça do Cantão de Zurique). O referido projeto promovia e ainda promove encontros entre mulheres estrangeiras incentivando o contacto social e a sua integração. Esses encontros são moderados na língua materna das participantes, nas casas de mulheres anfitriãs à volta da mesa (daí o nome *Tische*). Nesses encontros foram debatidos, informalmente, alguns temas pertinentes nos domínios da saúde (alimentação, prevenção da saúde), da escola (sistema de ensino as possibilidades de formação profissional na Suíça) e, em particular, da educação das crianças e jovens (crescer em ambiente bilingue, puberdade, entre outros assuntos relevantes) sobre as crianças ou jovens filhos dessas migrantes. Pessoalmente, estes encontros contribuíram para o alargamento da minha rede social de contactos, especialmente, com mulheres brasileiras e latino-americanas, também mães como eu, com as quais fui desenvolvendo, encontro após encontro, uma rede de interajuda e solidariedade feminina, fortalecida pelos denominadores comuns: situação de migração, género e afinidades linguístico-culturais.

15 BHABHA, 1997:53-60 cit. por FERREIRA, 2007.

16 Disponível em: <<https://www.srk-zuerich.ch/srk/Was-wir-tun/Migration-Asyl/FemmesTISCHE/index.php>>.

Dando sequência a estes cursos e com a intenção de posteriormente me integrar no mercado formal de trabalho suíço, equacionei retomar a licenciatura interrompida devido ao projeto de migração. Para o efeito, contactei uma instituição de aconselhamento e orientação vocacional, BIZ (Berufsinformationszentrum). Foram traduzidas certidões de cadeiras, diploma do ensino secundário e um sem-fim de documentos solicitados. No aconselhamento, foram postos em causa a veracidade dos documentos, a idoneidade das instituições de ensino secundário e superior portuguesas. Por isso, fui encaminhada para cursos técnico-profissionais. Foi-me dito que, por norma, as migrantes portuguesas trabalham na área das limpezas e da restauração e que, por esse mesmo motivo, seria mais fácil procurar emprego nessas áreas. Mesmo com muita insistência e perseverança da minha parte, a via universitária foi-me sempre vedada. Após este episódio fiquei fragilizada. Senti pela primeira vez a discriminação, a descredibilização e desconfiança. Aprendi que, quando pertencemos a uma determinada comunidade migrante, não somos tratados na nossa singularidade, mas sim como um coletivo, com os seus pontos positivos e negativos, sempre a partir da forma como somos percecionados pelo país de acolhimento. Explícita ou implicitamente, somos “todos” estereotipados, ponto! A forma como o encaramos ou o superamos não só nos muda profundamente, como também dita o nosso futuro nesse país. Pois bem, no meu caso particular, mudou-me. Fez desencadear uma “crise de identidade” que me obrigou a um exercício de autorreflexão e que se traduziu no aumento da intensidade e frequência de contacto com as minhas referências identitárias: os meus pais e irmão em Portugal. O contacto foi feito por telefone e via *e-mail*. Foi um período particularmente difícil.

Quis o destino que, em 2007, eu tomasse conhecimento das tecnologias sociais emergentes: as redes sociais digitais. Da panóplia existente (*Badoo, Flickr, Hi5, Tumblr e YouTube*), o *Facebook*, devido às suas características híbridas<sup>17</sup> foi a rede social com a qual me identifiquei. Tornei-me membro e comecei de imediato a criar a minha própria rede social. Rapidamente me apercebi do potencial desta rede (em franca expansão), não só para localizar e criar redes de contactos, partilhar conteúdos (texto, imagens, fotos e vídeos) com colegas, amigos e familiares (propósitos para o qual foi concebida), mas também para a possibilidade de fazer parte de grupos ou comunidades de interesse, estabelecendo “relações intersubjetivas geradoras de sentimento de pertença e de afirmação pessoal”<sup>18</sup>.

Desde então, o *Facebook* tem assumido particular relevância no meu quotidiano migrante. Através desta rede social tecnológica, é-me possível aceder a informação de natureza diversa, ler os *headlines* dos principais jornais internacionais e portugueses, acompanhar de perto as vidas dos familiares, amigos e colegas, partilhar conteúdos de interesse e interagir socialmente. No fundo, a rede “proporciona a aproximação ao país de origem, fazendo o migrante “sentir-se em casa” no seu país de acolhimento; possibilita “a monitorização passiva dos outros, através da circulação da voz, vídeo, texto e imagens”<sup>19</sup>. Ou seja, a revivificação das origens, o contacto com a língua e cultura portuguesas. À medida que vou sendo menos restritiva na seleção dos pedidos de amizade, expando a minha rede a outros migrantes portugueses conhecidos ou amigos em comum. Observando as suas cronologias e o teor dos conteúdos partilhados, vou descobrindo páginas de grupos e/ou comunidades vocacionados para a Comunidade Migrante Portuguesa na Suíça.

Em 2009, precisamente dois anos após a minha imersão nas redes sociais, num encontro casual com uma professora que lecionava português em Zurique, surgiu em conversa a Universidade Aberta e o seu modelo de ensino, o *e-learning*. Mal poderia imaginar que este encontro viria a alterar o curso da minha vida. Numa rápida pesquisa, foi

17 Híbrida no sentido que “acolhe em simultâneo vários suportes, como a escrita, a imagem, o som e o vídeo” (SILVA, 2002: 21).

18 SILVA, 2002: 58.

19 LEE, 2011:1.

possível apurar que a Universidade Aberta era uma instituição pública de ensino superior pioneira no ensino a distância. Sob o mote “em qualquer lugar do mundo,” oferece um modelo pedagógico inovador em ambiente virtual em Portugal. Da oferta pedagógica existente e dando continuidade aos cursos de língua alemã frequentados, dou início ao processo de candidatura na Licenciatura em Línguas Aplicadas – Minor Direito, Economia e Sociologia. Em setembro, do mesmo ano, ingresso na referida licenciatura.

Sendo jovem migrante portuguesa a residir em Zurique, este modelo de ensino a distância e a inovação pedagógica trabalho em rede então introduzida na Universidade Aberta, tornou possível o meu reingresso à vida académica, proporcionou-me a oportunidade de estudar na minha língua materna a partir do país de acolhimento e ajudou-me a transpor fronteiras não só geográficas mas também de conhecimento. Possibilitou-me, de igual modo, uma grande flexibilidade na gestão do tempo, liberdade e autonomia no meu processo de aprendizagem. Com ligação à internet e através da plataforma tecnológica, *Moodle*, frequentei aulas virtuais, acedi a recursos bibliográficos, participei nas atividades e tarefas académicas propostas, realizei trabalhos em grupo e individuais no âmbito das Unidades Curriculares e interagi com colegas (alguns em situação de migração) e docentes de forma dinâmica por meio de fóruns assíncronos. Estes fóruns assemelham-se a espaços ou “ágoras virtuais” de comunicação, partilha e construção colaborativa do conhecimento em rede. Curiosamente, as redes sociais tecnológicas – *Facebook* – aproximaram-me de Portugal e a Universidade Aberta posicionou-me numa “rede de produção e transferência de conhecimento”<sup>20</sup> académico. Nesta perspetiva, o conhecimento também “tende a ser mais migratório atravessando as fronteiras gerando um crescimento da densidade comunicacional entre os atores”<sup>21</sup>. Em fevereiro de 2013 concluí a licenciatura em Línguas Aplicadas.

Com os meus conhecimentos linguísticos e académicos, acrescido ao facto de me ter integrado rapidamente na comunidade local, comecei a dar apoio pedagógico aos meus filhos e, posteriormente, a outras crianças e jovens portugueses. Pontualmente, prestei serviços aos pais e/a famílias portuguesas, auxiliando-as no mais variado tipo de necessidades, mormente, pequenas traduções de documentos, mediação e acompanhamento junto de diversas entidades, escolas, serviços médicos, hospitais, bancos, agências de trabalho, recolha de informações junto de autoridades portuguesas e suíças e outro género de aconselhamento. Paralelamente, e pela mão do meu filho do meio, fui conhecendo diversas associações portuguesas ligadas ao futebol, nas quais me fui envolvendo.

Fruto do apoio pedagógico prestado, da experiência com os meus três filhos e da convivência contínua com jovens portugueses, desperta o meu interesse em aprofundar estudos no domínio das migrações e perfila-se a possibilidade de investigar os fenómenos a ela associados. Assim, no ano de 2013, após uma pesquisa circunstanciada quer dos conteúdos programáticos e pedagógicos das unidades curriculares quer das suas respetivas referências bibliográficas, acrescida da mais-valia em termos de conhecimento, candidatei-me ao Mestrado em Relações Interculturais na mesma Universidade. A minha candidatura foi deferida. Uma vez mais, embarco numa outra viagem para alto mar. Contra tempestades, tive momentos em que quase perdi a quimera. No meu barco, levo alguns passageiros: os meus compromissos, os constrangimentos familiares e os meus três filhos. Confesso que estive quase a naufragar... Contudo, não sou pessoa de abandonar projetos no “alto mar” ou “morrer na praia”. A lição do fatídico episódio de discriminação no BIZ, a capacidade de resiliência e a fé foram a minha força motriz.

20 SILVA, 2002: 23.

21 SILVA, 2002: 23.

Foi no segundo semestre, com a frequência de uma unidade curricular trabalhosa, mas prazerosa, que se ouvem os ventos de mudança e então mudei de rumo. Inicialmente, estaria inclinada para a temática da educação, competências e estratégias interculturais e para o estudo da adaptação das crianças portuguesas ao sistema escolar suíço. Porém, as atividades desenvolvidas na unidade curricular de Dinâmicas Sociais e Culturais na Era Digital<sup>22</sup>, lecionada pelo Professor Doutor José da Silva Ribeiro, influenciaram na escolha da temática do projeto de dissertação, nomeadamente, o trabalho final desta cadeira. No âmbito da temática Sociedade e Sociabilidades em Rede realizei um ensaio sobre as *Sociabilidades Juvenis nas Redes Sociais: o Instagram*. O ensaio, foi de certa forma um pré-ensaio da dissertação, no qual explorei analiticamente as comunidades virtuais, o paradigma de construção de identidades, as novas formas de sociabilidade juvenis *online* e os conteúdos partilhados entre os jovens no *Instagram*, sob o olhar atento e a lente focal da Ciberantropologia. Concluído o trabalho e a pós-graduação, o meu barco chega finalmente a terra firme, a um porto de abrigo. Mais um itinerário cumprido. É tempo de recuperar o fôlego, gozar férias com a família, passar tempo com os filhos, recarregar energias, mas sem perder de vista o projeto de dissertação. Em outubro o projeto deveria estar concluído para ser entregue.

### **O percurso da minha pesquisa empírica: de migrante a mestrand**

Deferido o projeto de dissertação, seguiu-se outra viagem. Iniciei o trabalho de investigação dividida entre os compromissos familiares e a vontade em terminar o mestrado. A pesquisa resulta do meu interesse em conhecer os jovens migrantes portugueses na Suíça, a sua experiência com as tecnologias digitais, em geral, e a importância das redes sociais na sua identidade cultural, em particular. Os jovens migrantes parecem escapar estatisticamente, quer no país de origem quer no de acolhimento. São quase sempre categorizados como adultos ou como uma “massa migrante” indiferenciada. Além do “silêncio estatístico”<sup>23</sup>, acresce um vazio qualitativo. Da revisão bibliográfica que efetuei (como é óbvio não cobre todo o acervo de dissertações de mestrado e de doutoramentos nacionais e estrangeiros), verifiquei que as teses ou artigos científicos privilegiam a população imigrante em Portugal ou o universo dos PALOP. Porém, nos últimos anos, face ao aumento galopante do número de saídas de portugueses, tem-se verificado um interesse crescente e consequente aparecimento de estudos e artigos com o foco nos migrantes portugueses, sobretudo, nos jovens (altamente) qualificados<sup>24</sup>.

Continuando... Na faceta de mestrand, (re)início a minha odisseia na rede social *Facebook*. A pesquisa empírica precede o enquadramento teórico-conceitual que gravita em torno da equação teórica juventude migrante, identidade cultural e redes sociais digitais. Foi uma longa jornada realizada num arco temporal de seis meses, entre agosto de 2015 e fevereiro de 2016.

A dissertação tem dois objetivos explícitos, em primeiro lugar, cartografar os usos sociais e culturais das tecnologias digitais – Internet – a partir da experiência da emigração, e em segundo lugar, compreender a importância e o papel das redes sociais tecnológicas ou digitais na identidade cultural dos jovens portugueses

22 A disciplina de *Dinâmicas Sociais e Culturais na Era Digital* (Antropologia digital – HORST; MILLER, 2012) foi criada e desenvolvida no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais – Laboratório de Antropologia Visual / GI Media e Mediações Culturais e lecionada em ensino a distância no Mestrado em Relações Interculturais da Universidade Aberta. A partir de 2016 passou a fazer parte do curriculum dos programas de pós-graduação (mestrado e doutoramento) em Arte e Cultura Visual e Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1862/538>).

23 MARQUES, 2008.

24 De referir o estudo de Rui Machado Gomes intitulado *Fuga de Cérebros: Retrato da Emigração Portuguesa Qualificada*.

migrantes na Suíça. Para o efeito, determinei para o locus empírico, a rede social, *Facebook*. A partir do *locus* virtual, procurei construir um percurso metodológico aberto, flexível e de matriz etnográfica.

É importante perceber que um investigador tem vários instrumentos, técnicas ou métodos ao seu dispor, e por esse motivo, não se deve precipitar ou seguir tendências... determinando *a priori* um tipo de pesquisa. A abertura e a flexibilidade dos métodos tornam possível conciliar diferentes instrumentos de ambos os paradigmas – quantitativo e qualitativo. Neste caso particular, a “pedido” do *locus* e do objeto de estudo, articulei diferentes instrumentos e técnicas de recolha de dados como o inquérito por questionário online, a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas. O investigador deve seguir as orientações de cada técnica ou método, mas ter a liberdade necessária para escolher novos percursos – ser criativo.

O percurso empírico é marcado por vários momentos-chave. No primeiro momento, vou (re)conhecer o “terreno”, explorar grupos diaspóricos direcionados para a comunidade portuguesa na Suíça. A primeira abordagem pré-exploratória decorre de forma flutuante – observação flutuante – com o objetivo, não só de observar a morfologia, a estrutura e características da rede social *Facebook* (agora de forma mais profunda e científica), mas também os grupos direcionados aos emigrantes portugueses a viver na Suíça. Tirando partido da minha experiência enquanto utilizadora desta rede social, localizo grupos diaspóricos ou páginas comunitárias portuguesas. São vários os resultados obtidos. Na senda destes resultados, observo as páginas dos grupos diaspóricos, em particular, os seus conteúdos, membros, administradores, publicações e as dinâmicas interacionais entre membros bem como traços indicadores da cultura portuguesa através de símbolos, imagens ou significados.

Contudo, ao longo deste processo de conhecimento do terreno surgem as primeiras constatações e questões: como delimitar o *locus* da pesquisa? Como captar os jovens? Percorrendo os membros desses grupos e verificando que, entre os membros dos grupos ou páginas diaspóricas, existem jovens com idades compreendidas entre os 16 e 23 anos. Porém, a interação dos jovens é praticamente inexistente. Ou seja, os jovens gozam de uma certa “invisibilidade” na maioria dos grupos. Outra questão se levanta: será que essa “estaticidade interacional” e “invisibilidade” se prende com o facto de eles não se identificarem com os grupos ou com a cultura portuguesa?

Procurando dar resposta a esta questão, fiz uma primeira abordagem, aleatória, a alguns jovens via *Messenger*, colocando algumas interrogações, mas não houve qualquer receptividade. Face a este resultado nulo, senti necessidade de recorrer a um instrumento que me permitisse a recolha de informações e que se adequasse às características da própria “amostra”, isto é, articular as necessidades da investigação com as características da amostra [jovens]; se os jovens figuram como membros, mas não interagem nem respondem às questões colocadas via *Chat*, inferi que um questionário seria a melhor forma de desinibir os jovens, garantindo-lhes anonimato total. Para o efeito, elaborei um inquérito por questionário sem solicitar informações que pudessem conduzir à verdadeira identidade do respondente. Tirando partido das vantagens deste instrumento de recolha de dados, amplitude e rigor, foram introduzidas perguntas de resposta aberta para que o questionário não tivesse uma medição quantitativa em exclusivo. A matriz do questionário foi dividida em seis dimensões de análise: i) Perfil sociodemográfico dos jovens portugueses migrantes na Suíça; ii) Tecnologias digitais no quotidiano dos jovens migrantes; iii) Internet, acessibilidades e usos; iv) Redes Sociais e Comunidades Virtuais; v) Identidade Cultural e Redes Sociais; vi) Língua Portuguesa.

No segundo momento empírico, apliquei o inquérito por questionário *online* aos grupos diaspóricos seleccionados. No terceiro momento procedi à observação direta dos grupos mais referidos no questionário.



Paralelamente, iniciei a observação participante nas páginas/cronologias de sete jovens migrantes portugueses. Revisitando o terreno, desta vez já na posse dos dados analisados sobre os perfis dos jovens migrantes bem como os nomes dos grupos mais referidos no questionário, dei início à observação dos grupos diaspóricos. Em dois dos grupos foi necessário efetuar um pedido de adesão. Observei os murais e seus conteúdos; explorei as potencialidades das páginas, a panóplia de atividades e de aplicações disponíveis ao alcance dos seus membros, como a possibilidade de participação e iniciação de discussões, o livre acesso a todas publicações de venda e respetivos comentários, aos membros do grupo, a fotos partilhadas, a recursos audiovisuais, ao calendário de eventos e outros documentos disponíveis pelos administradores. Contudo, devido à natureza pouco interacional entre membros dos grupos e à quase total ausência de comentários por parte dos jovens ao nível das publicações, a observação participante não se consumou.

Paralela e gradualmente, fui passando a pente-fino os perfis dos jovens membros dos grupos observados, abordando-os individualmente através de mensagens via *Messenger* na página dos seus perfis. Este processo foi muito moroso mas necessário, sobretudo para obter a participação voluntária dos jovens. Nesse sentido, segui o protocolo, informando-os dos objetivos deste estudo, solicitando o seu consentimento (consentimento informado) e mostrando total disponibilidade em esclarecer quaisquer questões e inclusivamente fazê-lo via telefone ou *offline*. Contudo, os constrangimentos repetiram-se. Os jovens não se mostraram cooperativos, verifiquei uma predisposição em não colaborar neste tipo de investigação, na qual estão mais expostos e, portanto, menos à vontade. A não-presença e o não-conhecimento físico entre o participante e o investigador revelaram-se um dos maiores constrangimentos neste tipo de locus empírico. Assim, por forma a não comprometer a investigação, em particular a observação participante nas páginas individuais dos jovens, recorri a dois contactos da minha própria rede no *Facebook*. Esses contactos foram a base e o garante da confiança mútua, o “*link seguro*” ao qual se uniram outros participantes, resultando num “efeito bola de neve”.

Com a observação participante nos perfis das páginas individuais do *Facebook* pretendi cartografar e analisar o modo como este espaço social é utilizado para o contacto com familiares e amigos que se encontram em Portugal, nomeadamente, interações, símbolos e atividades que unam ou vinculem os jovens portugueses, em situação de migração, à cultura portuguesa. No quarto momento foram entrevistados alguns administradores dos grupos diaspóricos mencionados no questionário; neste momento da observação pretendi clarificar o motivo da “invisibilidade” interacional dos jovens nos grupos diaspóricos, uma vez que parte expressiva dos respondentes ao questionário referiram ser membros desses mesmos grupos. Com o intuito de ouvir outras vozes, estruturei e enviei, posteriormente, um guião de entrevista semidirecto dirigido aos administradores dos grupos em estudo, via *Facebook – Messenger*. Por fim no quinto momento, momento-chave, procedi à análise e triangulação dos dados recolhidos. Para efeitos de validação empírica, recorri à triangulação metodológica e intra-métodos. Neste quinto momento retirei conclusões.

Numa primeira leitura dos dados recolhidos no questionário, confrontei-me com respostas que reproduzem parte da minha realidade e experiência individual como migrante. Relativamente, à dimensão de análise das redes sociais, a amostra constituída por 129 migrantes portugueses, na faixa etária dos 16 aos 23 anos, revelou que apesar de utilizarem mais do que uma rede social, a maioria (62,1%) privilegiou a rede social *Facebook* para o contato e interação com os familiares e amigos em Portugal. “Sim, isso sim o *Facebook* é a onde tenho mais contactos com os meus familiares de Portugal”. [in observação participante, perfil 6 a 7.9.2015]

Após esta constatação, ocorre-me de imediato um fator fundamental, “o tempo”, isto é, a relevância que o carácter temporal assume na pesquisa. Como referi anteriormente, em 2007 estreei-me nas redes sociais,

nomeadamente, na rede social em estudo. Oito anos depois, os jovens portugueses elegem essa mesma rede, o que demonstra o seu carácter prevalente. Talvez seja o seu hibridismo. Enquanto espaço híbrido de comunicação e socialização, o *Facebook* possibilita aos jovens migrantes a partilha de eventos ou acontecimentos relevantes do seu quotidiano com quem está longe. De facto, esta rede social tecnológica é utilizada como um “diário gráfico-aúdio-virtual”, através do qual, os jovens expõem momentos da sua vida de migrantes. O *Facebook* serve, igualmente, para se manterem informados ou informarem. “Para mim que vivo distante, o *Facebook*, permite estar constantemente a ler notícias de Portugal, manter-me atualizado nas mais diversas áreas.” [in observação participante, perfil 7, via *Messenger*]

Para além dos propósitos para os quais foi concebida – comunicação e partilha de informação – a apropriação e utilização das redes sociais, em situação de migração, parece ir muito mais além do que a simples sociabilidade. Essa percepção vai adquirindo contornos concretos com a observação participante que realizo nas cronologias das páginas dos migrantes. Apesar da contribuição dos dados obtidos via questionário *online*, para os quais não há espaço neste texto para os apresentar, é na riqueza qualitativa dos dados etnográficos que se vão desvelando outras dimensões de análise. A que mais se enfatiza, e talvez seja a verdadeira singularidade da utilização da rede social em contexto migratório, é a dimensão cultural. A primeira evidência que encontro está na informação do perfil, no qual todos tornam público a sua condição de migração, fornecendo informações sobre o local de origem em Portugal e o local onde vivem na Suíça.

**Figura n.º 1 – Publicação da sua condição de migrante e local de origem em Portugal**



[in observação participante na cronologia dos perfis 1, 5 e 7].

O motivo da partilha dessa informação centra-se sobretudo na afirmação da identidade cultural, no orgulho de ser português:

Tenho orgulho em ser português... [in questionário P28, respondente n.º 124, a 20.12.2015 às 16:44]

Porque tenho orgulho e quero que as pessoas saibam que sou em primeiro lugar portuguesa. [in questionário P28, respondente n.º 112 a 20.12.2015 às 19:07]

Para nunca perder a raiz de onde venho. [in questionário P28, respondente n.º 82 a 19.12.2015 às 18:40]

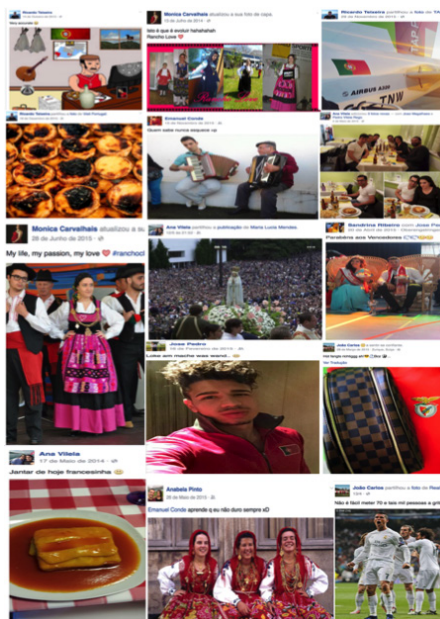
Porque tenho muito orgulho em ser quem sou e de onde venho. [*in* questionário P28, respondente n.º 4 a 24.08.2015 às 16:05]

Porque considero importante reconhecer quem sou e as minhas origens, para que os outros percebam a minha identidade cultural. [*in* questionário P28, respondente n.º 15 a 25.08.2015 às 20:31]

Para verem onde me encontro neste momento e para verem a nossa situação aqui no estrangeiro. [*in* questionário P28, respondente n.º 5 a 24.08.2015 às 16:14]

Além das manifestações de “orgulho” em relação às suas origens, são visíveis, nas páginas pessoais dos jovens migrantes, alguns indicadores da presença da cultura portuguesa nas suas vidas. Apesar da distância física e da acentuada diferença cultural entre os dois países, Portugal – Suíça, os jovens, aparentemente integrados, sentem a necessidade de afirmar e preservar as suas raízes e a herança cultural portuguesa. Os traços ou indicadores culturais que vou identificando nos perfis dos jovens remetem para a gastronomia, doçaria típica, religião, cultura popular, o folclore e o futebol.

## Figura n.º 2 – Símbolos/traços da cultura portugueses partilhados nas cronologias dos jovens migrantes



[*in* observação participante na cronologia dos perfis]

Mergulhando profundamente na dimensão cultural, retomo os dados obtidos no questionário *online*, em concreto, as várias afirmações formuladas, nas quais é pedido aos jovens que respondam se concordam ou discordam. As afirmações: “manter o contacto com a cultura é importante para o jovem migrante português; as redes sociais – o *Facebook* – ajudam a manter vivas as minhas raízes (tradições, costumes e história portuguesas); as redes sociais possibilitam um maior contacto entre jovens portugueses residentes na Suíça; as

redes sociais são um “território” ou “lugar neutro” onde se pode expressar de forma plena a identidade e cultura portuguesas”; o nível de concordância é elevado. Por seu turno, as restantes afirmações; “pertencer a um grupo português (diaspórico), faz sentir-te mais português; pertencer a uma à comunidade portuguesa virtual tem o mesmo significado que pertencer a uma comunidade real;” nível de discordância é elevado.

Outro indicador cultural pertinente, que quase me escapa por ser tão evidente ou um dado adquirido, é a utilização da língua portuguesa. A língua é um dos principais elementos de difusão da cultura. Apesar da utilização da língua portuguesa estar circunscrita ao círculo familiar migrante, às amizades, instituições e associações portuguesas, nos espaços frequentados por portugueses, no *Facebook*, a língua de comunicação presente nos conteúdos partilhados e na interação é a de Camões.

Em jeito de síntese, o *Facebook* assume um papel determinante em contexto migratório, como ferramenta de comunicação e circulação da informação em diversos formatos, superando as fronteiras geográficas, encurtando distâncias, comprimindo o tempo e espaço e aproximando os jovens do País de origem. Contudo, esta rede tecnológica proporciona, de igual modo, a existência de um espaço nómada, também ele migrante ou um “não-lugar” no sentido conferido por Augé<sup>25</sup>, através do qual os jovens (re)constróem a sua identidade cultural em rede e revivificam as suas raízes identitárias. O hibridismo deste espaço, permite a veicular e fazer circular símbolos e traços identitários da cultura portuguesa, gerando uma “proximidade representacional”<sup>26</sup> entre os jovens migrantes, Portugal e a cultura portuguesa. Tratando-se de uma tecnologia digital, possibilita a criação de grupos ou comunidades virtuais diaspóricas. A existência desses mesmos grupos corrobora a necessidade que os migrantes sentem em fazer parte de uma “comunidade imaginada”<sup>27</sup>, na qual se podem rever, afirmar e revivificar a sua identidade cultural.

## Conclusão

Embarco sempre em viagens de forma emotiva e espontânea, por vezes sem ter a real noção para onde vou ou para onde a experiência me leva. Pois bem, com a minha dissertação passou-se algo muito curioso. Desde o design do projeto até à sua finalização fui construindo intuitivamente um percurso empírico. Trocando algumas ideias com um colega da minha mãe, doutor em antropologia visual<sup>28</sup> e posteriormente com o meu orientador, também doutor na mesmo domínio do saber, fui ouvindo: “Carolina a tua tese é em primeira pessoa” ou “está a escrever a sua própria narrativa”. Confesso, que ouvi e não refleti muito sobre essas palavras, continuei a conduzir a pesquisa de forma muito crítica, ética e reflexiva. No presente e à luz do método autobiográfico, vejo com clareza a verdadeira dimensão dessas palavras. A pesquisa empírica é, na realidade, tão-somente o reflexo do meu percurso migratório, da minha experiência individual e social enquanto utilizadora de redes sociais tecnológicas. É, portanto, legítimo pensar que a “aparente” intuição da escolha dos nossos temas de pesquisa e das relações que vamos estabelecendo ao longo da mesma não é aleatória nem estritamente lógica. Ela aparece frequentemente como um “acaso” resultante da confluência ou combinação de fatores pessoais,

25 AUGÉ, 2012.

26 SILVA, 2002.

27 BENEDICT, 1993.

28 Trata-se do doutor António João Saraiva, documentarista e professor do doutoramento em Relações Interculturais da Universidade Aberta e que apresentou em 2013, na Universidade Aberta, a tese de doutoramento Filme e *hipervídeo: um retrato polifónico da geração dos Capelinhos a partir da emigração e regresso* orientada pelo professor José da Silva Ribeiro.

cultura disciplinar e forças externas, num ambiente político, social e económico. Penso que talvez nem um psicanalista me poderia dizer de forma clara porque segui este caminho. O meu percurso individual como o de qualquer ator social, por mais racional que seja, nunca é um todo coerente, mas resultado de uma sequência de acasos. Foi no duplo papel de migrante e investigadora que toda a narrativa empírica se desenrolou. Num diálogo contínuo, dividida entre o sujeito-objeto e o sujeito-investigador que se narram na primeira pessoa do singular, na verdade, foi só uma identidade quem esteve sempre presente<sup>29</sup>: eu, Carolina. Porém, ao observar jovens migrantes que partilham comigo a mesma cultura, passo igualmente à condição de “sujeito objeto de estudo”: “auto-etnografia”<sup>30</sup>. O meu “eu-sujeito”, torna-se pontualmente num “nós-social e cultural” em que o individual passa, por instantes, a um coletivo.

Em suma, em tempo de sociedades e culturas instáveis, tempos líquidos, vidas fragmentadas como estas em que vivemos, a minha narrativa acaba por se revelar um “laboratório, enquanto um espaço para testes e ensaios do si (eu) em relação ao outro”<sup>31</sup>. Este “laboratório criativo” deve, pois, assumir particular relevância na investigação e no ensino, proporcionando a investigadores e docentes um “espaço” de autorreflexão para que se entendam a si próprios, tornando-os antropólogos, sociólogos, psicólogos e historiadores das suas próprias raízes, das suas pesquisas e dos seus percursos a que, posteriormente, sempre pretendem dar uma coerência epistemológica.

É isto mesmo que tentei fazer (exercitei) neste texto e neste processo reflexivo proporcionado pelo convite para esta conversa: identificar situações e realizações concretas do passado e inseri-las numa narrativa construída no presente.

## Bibliografia

- AUGÉ, Marc, 2012 – *Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre.
- BENEDICT, Anderson, 1993 – *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre la origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- CARDOSO, Denise Machado, 2016 – “Entrevista com José da Silva Ribeiro”. *Visagem*. Vol.2, n.º 2, jul./dez., p. 346-354.
- CASTELLS, Manuel, 2007 – *A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura. O Poder da Identidade*, vol. II, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DE LA TORRE, Carolina, 2001 – *Las identidades; una mirada desde la psicología*. La Habana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana, Juan Marinello.
- ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur, 2000 – “Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject”. Part IV Methods of Collecting and Analyzing Empirical Materials, in DENZI, Norman; LINCOLN, Yvonna (ed.) – *The Handbook of Qualitative Research*. Second Edition. Thousand Oaks, California: Sage Publications, p. 733-768.
- FERREIRA, Cátia, 2007 – *Formas de remediação da identidade cultural: a internet e os emigrantes portugueses nos EUA*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Comunicação apresentada à Universidade Católica de Lisboa.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor, 1995 – *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

29 LEJEUNE, 1991.

30 ELLIS; BOCHNER, 2000.

31 RICOEUR, 1991:140.

- GARCÍA CANCLINI, Néstor, CRUCES, Francisco, CASTRO POZO, Maritza Urteaga (coord.), 2012 – *Jóvenes, culturas urbanas e redes digitales*. Espanha/Barcelona/Madrid: Editorial Ariel S.A./ Fundación Telefónica.
- HALL, Stuart, 2003 – *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, in SOVIK, Liv (org.) – *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil.
- HALL, Stuart, 2005 – *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HORST, Heather; MILLER, Daniel, 2012 – *Digital Anthropology*. Oxford: Berg Publishers.
- LEE, Komito, 2011 – “Social Media and Migration: virtual community 2.0.” *Journal of the American Society for Information and Science and Technology*. Vol. 62, n.º 6. p. 1075-1086.
- LEJEUNE, Philippe, 1991 – “El Pacto autobiográfico”. *Anthropos*. N.º 29, diciembre, p. 47-61.
- MARQUES, José Carlos Laranjo, 2008 – *Os Portugueses na Suíça: Migrantes Europeus*. Lisboa: ICS.
- PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra, 2014 – “Construção das identidades de jovens de origem imigrante na Europa: Resultados dum Projeto Europeu”. *REMHU: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*. Ano XXII, n.º 42, jan./jun., p. 133-158.
- Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa*, 2015: 260. Disponível em: <[http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/OEm\\_EmigracaoPortuguesa\\_RelatorioEstatist.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/OEm_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatist.pdf)>.
- RIBEIRO, José da Silva, 2016 – “Etnografia digital e ensino a distância”. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, vol.10, p. 459-474.
- RICOEUR, Paul, 1991 – *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 1995 – *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SÁ, Vânia Catarina Neves de, 2014 – *O Desemprego Jovem, em Portugal*. Coimbra. Trabalho de projeto apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- SILVA, Lídia, 2002 – *Implicações cognitivas e sociais da globalização das redes e serviços telemáticos*. Aveiro. Tese de Doutoramento em Ciências da Tecnologia da Comunicação apresentada à Universidade de Aveiro.